

MATOS, Luís de (Abrantes, 1911 – Lisboa, 1995)

Luís de Matos nasceu em Abrantes no ano de 1911, tendo-se licenciado em Filologia Clássica na Faculdade de Letras, em 1935, com a classificação de 18 valores. Após ter concluído o Exame de Estado no Liceu Normal de Lisboa, em 1938, foi professor agregado no Liceu Camões entre 1938 e 1939, tendo sido nomeado professor efectivo dos liceus no início de 1939. Foi convidado, no ano de 1938, para assistente da Faculdade de Letras de Coimbra, e, em 1945, proposto para professor extraordinário da Faculdade de Letras de Lisboa, tendo recusado ambos os convites.

Foi nomeado, em Outubro de 1939, pelo Instituto de Alta Cultura, leitor de Língua e Literatura Portuguesas na Faculdade de Letras de Bordéus, em substituição do professor Costa Pimpão. Luís de Matos esteve em Bordéus até Julho de 1940, tendo sido imediatamente transferido para Sorbonne e sucedido ao professor Orlando Ribeiro. Por motivos da Segunda Guerra Mundial, só começou a exercer este cargo em 1941 tendo prolongado a sua estadia em França até 1948. É neste período (1947) que escreve sobre os Estudos Clássicos em França, no volume inaugural da revista *Humanitas*, traçando um breve panorama sobre o ensino das línguas clássicas e o ambiente profícuo que possibilitava à França estar na vanguarda no que aos Estudos Clássicos diz respeito. Retomou o seu lugar como professor efectivo em 1949, tendo leccionado no Liceu de Santarém até 1951. No ano seguinte, o historiador foi encarregado pelo Instituto de Alta Cultura do ensino da Língua e Literatura Portuguesas na Faculdade de Letras de Madrid, lugar que permaneceu até 1955. Salientam-se, neste período, dois trabalhos: *Les Portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550* (1950) e *Les Portugais en France au XVI^e siècle. Études et documents* (1952), duas monografias em que Luís de Matos se foca no legado português em França no período do Renascimento. Foi nomeado, em 1955, pela segunda vez leitor na Sorbonne, tendo concluído o seu doutoramento e depois sido condecorado pelo Estado francês com o grau de “Chevalier des Palmes Académiques” (1959) em prova dos serviços prestados às relações franco-portuguesas.

Em 1941 e novamente em 1952, foi bolseiro do Instituto de Alta Cultura em Itália. Como bolseiro ou leitor trabalhou nos arquivos e bibliotecas de localidades como Grenoble, Estrasburgo, Bruxelas, Haia, Roma, Florença, Madrid, Bruxelas, Londres ou Cambridge. No seu primeiro leitorado em Paris foi aluno de insígnos historiadores tais como Marcel Bataillon, no Collège de France, e Jean Bayet, na Sorbonne.

No segundo leitorado na Sorbonne laborou sob orientação de George Le Gentil, Robert Ricard e Léon Bourdon, professores catedráticos de Estudos Portugueses. Concluiu, a 31 de Janeiro de 1959, o seu doutoramento com o prestamento de provas públicas, tendo sido o segundo português a ser consagrado doutor de Estado na Sorbonne (o primeiro foi Vasco de Magalhães Vilhena, em 1949, cujas tese principal e complementar abordavam o estudo de Sócrates e Platão). A sua tese principal, *L'Expansion Portugaise dans la Littérature Latine de la Renaissance*, foi arguida pelos professores Robert Ricard, Michel Mollat e Léon



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Bourdon, enquanto a tese complementar, *La Correspondance Latine de Damião de Goes*, foi pelos professores Marcel Bataillon e Jacques Perret. Luís de Matos logrou a classificação “mention très honorable à l'unanimité”. A sua tese de doutoramento foi somente publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1991, numa versão revista e melhorada, no volume inaugural da série “Descobrimentos Portugueses e Ciência Moderna”, que lhe valeu o prémio D. João de Castro por parte da Comissão dos Descobrimentos. Neste trabalho, Luís Matos apresenta a Expansão Portuguesa nos séculos XV e XVI segundo uma problemática histórico-filológica transposta pelos textos latinos do Renascimento. O historiador não entra, contudo, logo nos textos, tendo elaborado, na introdução, uma reflexão sobre a sociedade portuguesa de Quatrocentos e Quinhentos e a influência da Expansão em todos os aspectos da vida social, literária e linguística da época. Os indicativos da influência da expansão portuguesa começam com uma análise de fora para dentro, i.e., dos humanistas italianos, tendo Luís de Matos mormente analisado o interesse que Cataldo Sículo, que se estabeleceu em Portugal, teve pela Expansão portuguesa. Seguiu-se uma verificação no que tange à influência dos relatos de viagem do século XV, tendo o historiador continuado o seu estudo a partir das Orações de Obediência perante o Pontífice. A correspondência dos mercantes e diplomatas italianos marca a passagem do século XV para o século XVI, tendo o historiador igualmente considerado o *Mundus Novus* atribuído a Américo Vespúcio e as cartas da chancelaria portuguesa à Santa Sé. Especialmente pertinentes são os últimos capítulos desta obra em que o historiador indaga sobre a relação entre a *Utopia* de Thomas More e a Expansão Portuguesa. Luís de Matos foi o primeiro académico a defender que o *Itinerarium Portugallensium* (cuja introdução fez para a edição fac-símile de 1992, publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian) terá influenciado More na redacção da *Utopia*. O historiador dedicou-se também à análise da obra latina concebida por portugueses na Europa, com especial atenção a André de Resende e Damião de Góis. O estudo do poema épico sobre o Brasil do jesuíta José de Anchieta *De rebus gestis Mendi de Saa* é outro dos pontos a ressaltar. O último capítulo da *magnum opus* de Luís de Matos consistiu no asseverar do valor historiográfico do *De rebus Emmanuelis gestis* de Jerónimo Osório. Esta obra frisa, de facto, a influência dos humanistas portugueses no movimento renascentista e o intercâmbio português que promoveu a permanência em Portugal de humanistas vindos de vários pontos da Europa. O historiador já tinha, com efeito, no seu primeiro trabalho (“O Humanista Diogo de Teive”. *Revista da Universidade de Coimbra*. Coimbra, n.º 13, 1937, pp. 215-270), e especialmente no segundo estudo, que consistiu num prefácio à edição *Quatro Orações Latinas* (1937), enfatizado o intercâmbio e a influência europeia no humanismo português, que considerou cosmopolita, aspecto que, como ressalta José Subtil, perpassa toda a obra de Luís de Matos (José Manuel Subtil, “Luís de Matos (1911-1995)”. *Anais, Série História*. Vol. 3/4, 1996/1997, p. 315). No final do prefácio à edição das *Quatro Orações Latinas*, Luís de Matos afirma que foi no século XVI o tempo em que Portugal “mais se elevou no plano da cultura. Perdido o contacto com a Europa, decaiu rapidamente” (p. XXI). Esta ideia de decadência, resultante do processo de isolamento cultural, seria posteriormente retomada por outros historiadores da cultura portuguesa, como António José Saraiva (José



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Manuel Subtil, “Luís de Matos (1911-1995)”. *Anais, Série História*. Vol. 3/4, 1996/1997, pp. 315-316; cf. u.g. António José Saraiva, *História da Cultura em Portugal*. Vol. I..., 2000. Conquanto António Sérgio tivesse sustentado a ideia de decadência desde o segundo decénio do século XX, Luís de Matos não parece ter-se inspirado nela para elaborar esta tese).

Luís de Matos regressa definitivamente a Portugal em Março de 1959. Teve, contudo, algumas vicissitudes no nosso país, visto que, por um lado, não lhe foi reconhecido o seu grau de Doutor. Por isso, voltou a exercer a docência no Liceu Passos Manuel, em Lisboa, no último período do ano lectivo de 1958-1959, tendo, por outro, segundo o próprio, recusado os cargos de Conselheiro Cultural no Brasil e de professor catedrático contratado na Faculdade de Letras de Lisboa (Luís de Matos, *Curriculum Vitae*, 1970, p. 7). A convite do professor Adriano Moreira, foi, em Outubro de 1959, nomeado professor do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos (futuramente integrado na Universidade Técnica de Lisboa sob o nome de Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina e em 1976 debaixo da designação Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas), tendo regido as cadeiras de História da Expansão da Cultura Portuguesa e História Diplomática até à sua jubilação em 1985. Foi no âmbito deste instituto que proferiu várias lições relacionadas com a delimitação das fronteiras de Angola (1964), Moçambique (1965) e da Guiné (1966), que foram editadas pela Universidade Técnica de Lisboa. Nesta faceta menos conhecida do historiador, é-nos apresentada uma defesa da visão colonial portuguesa por intermédio de estudos sobre o processo de definição de fronteiras das colónias (essencialmente no século XIX) e nos diversos êxitos diplomáticos que, segundo Luís de Matos, Portugal obteve nesse período. Acumulou, desde Janeiro de 1960, as funções de docência com a direcção do Serviço de Bibliografia Internacional Luso-Brasileira da Fundação Calouste Gulbenkian e o Serviço da Biblioteca Geral da mesma instituição desde Outubro de 1968 até à sua reforma em Junho de 1992. Foi director do *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira* (1960-1973), tendo contribuído com diversos artigos um deles sobre as relações entre Erasmo de Roterdão e os Portugueses (1963). O Boletim, publicado anualmente em quatro números, dispunha de uma comissão consultiva composta por especialistas de várias nacionalidades, da Alemanha aos EUA, cobrindo estudos e bibliografia, além da história e da literatura, em áreas tão heterogéneas quanto a medicina, economia ou as belas-artes. Além das revistas supramencionadas, o historiador colaborou no *Bulletin des Etudes Portugaises*, na revista *Estudos Italianos em Portugal*, ou na *Euphrosyne*. Escreveu inúmeras entradas para o *Dicionário de História de Portugal* de Joel Serrão, e um artigo para o segundo volume do *Dictionary of South African Biography* sobre Camões e a África do Sul, tendo também elaborado recensões críticas entre elas uma para o *Bulletin Hispanique*. Na fase tardia e crepuscular da sua carreira académica, Luís de Matos assinou importantes estudos introdutórios para as *Sentenças para a ensinança e doutrina do príncipe D. Sebastião* (1983) e para o *Itinerarium Portugallensium*. Começa a demonstrar, a partir do final da década de 60 e início de 70, um interesse pela presença portuguesa no Oriente, tendo elaborado as introduções da obra de David Lopes, *A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente nos Séculos XVI, XVII e XVIII* (1969), do catálogo bibliográfico



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Das Relações entre Portugal e a Pérsia (1500-1758) (1972), e a introdução e notas das *Imagens do Oriente no Século XVI*, uma reprodução do códice português da Biblioteca Casanatense.

Segundo afirma José Subtil, Luís de Matos passou por algumas vicissitudes no período que se seguiu ao 25 de Abril de 1974 (José Manuel Subtil, “Luís de Matos (1911-1995)”. *Anais, Série História*. Vol. 3/4, 1996/1997, p. 317). Independentemente do seu conservadorismo político, especialmente patente nas lições dedicadas à delimitação de fronteiras do Império Português, no campo historiográfico a sua obra foi inovadora, visto que aliou a heurística historiográfica e a teorização do encadeamento histórico das ideias e dos acontecimentos com o conhecimento dos documentos originais, tendo a sua formação em Filologia Clássica, mormente o seu rigoroso conhecimento da língua latina, sido essencial no cunho filológico que deu ao objecto histórico. De facto, Pina Martins, na sua introdução ao *L'Expansion Portugaise dans la Littérature Latine de la Renaissance*, ressalta a importância do conhecimento dos textos latinos do Renascimento para a elaboração de uma história científica e rigorosa dos séculos XV e XVI. Martins lamenta que a historiografia contemporânea não siga o caminho de Luís de Matos e ignore o latim, tendo também lembrado que os estudiosos do humanismo português de Quatrocentos e Quinhentos elaboram estudos sob o ponto de vista da filologia humanística e não historiográfica (José V. de Pina Martins, “Descobrimientos Portugueses e Ciência Moderna”. Luís de Matos, *L'Expansion Portugaise dans la Littérature Latine de la Renaissance*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, pp. XXVI-XXVII ; cf., no entanto, a resposta de Américo da Costa Ramalho em “Cataldo e a defesa da Europa”. *Para a História do Humanismo em Portugal*. Vol. V, 2013, p. 118).

Luís de Matos passou os últimos três anos da sua vida gravemente doente, vindo a falecer em Outubro de 1995. Não consta que tivesse recebido qualquer tipo de condecoração por parte do estado português, do município de Abrantes, ou da sua *Alma Mater*. Porventura, um dia será lembrado. A sua obra, contudo, será perene, sendo, ainda nos dias de hoje, uma das maiores referências no que diz respeito à historiografia do Humanismo e do Renascimento portugueses. Pode-se observar, por exemplo, a influência de Luís de Matos na obra de Luís de Sousa Rebelo, *A Tradição Clássica na Literatura Portuguesa*, 1982; em Américo da Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal (IV)*, 2000; em Sebastião Tavares de Pinho, *Humanismo em Portugal. Estudos I e II*, 2006; ou em Belmiro Fernandes Pereira, *Retórica e Eloquência em Portugal na Época do Renascimento*, 2012.

Bibliografia activa: “Prefácio”, *Quatro Orações Latinas proferidas na Universidade de Coimbra e no Colégio das Artes (Século XVI)*, Publicação e prefácio, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1937, V-XXII; “O Humanista Diogo de Teive”. *Revista da Universidade de Coimbra*. Coimbra, vol. 13, 1937, pp. 215-270; “Dos Estudos Clássicos em França”. *Humanitas*. Coimbra, n.º 1, 1947, pp. 172-176; “A Fixação das Fronteiras de Angola”, separata de *Angola. Curso de Extensão Universitária. Ano Lectivo de 1963-1964*. Lisboa:



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Universidade Técnica de Lisboa, 1964; “As Fronteiras de Moçambique”, separata de *Moçambique. Curso de Extensão Universitária. Ano Lectivo de 1964-1965*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 1965; “A Delimitação das Fronteiras da Guiné”, separata de Cabo Verde, Guiné e São Tomé e Príncipe. *Curso de Extensão Universitária. Ano Lectivo de 1965-1966*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 1966; *Curriculum Vitae*, Lisboa, 1970; “De Camões, Luís”. KOCK, W. J. de, KRÜGER, D. W., *Dictionary of South African Biography. Vol. II*. Cape Town and Johannesburg: Human Sciences Research Council, Tafelberg-Uitgewers Ltd, 1972; “Introdução”, *Imagens do Oriente no século XVI. Reprodução do Códice Português da Biblioteca Casanatense*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, pp. 17-129; *L’Expansion Portugaise dans la Littérature Latine de la Renaissance*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

Bibliografia passiva: REBELO, Luís de Sousa, *A Tradição Clássica na Literatura Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1982; MARTINS, José V. de, “Descobrimientos Portugueses e Ciência Moderna”, *Luís de Matos. L’Expansion Portugaise dans la Littérature Latine de la Renaissance*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, pp. IX-XXVIII; SUBTIL, José Manuel, “Luís de Matos (1911-1995)”. *Anais, Série História*. Lisboa, vol. 3/4, 1996/1997, pp. 313-321; RAMALHO, A. Costa, “Matos (Luís de)”. *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura. Edição Século XXI. Vol. 19*. Lisboa, São Paulo: Editorial Verbo, 2001; Id., *Para a História do Humanismo em Portugal (IV)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000; SARAIVA, António José, *História da Cultura em Portugal. Vol. I. Renascimento e Contra-Reforma*, Lisboa: Gradiva, 2000; PINHO, Sebastião Tavares de, *Humanismo em Portugal. Estudos I e II*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006; PEREIRA, Belmiro Fernandes, *Retórica e Eloquência em Portugal na Época do Renascimento*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012; RAMALHO, A. Costa, “Cataldo e a defesa da Europa”, *Para a História do Humanismo em Portugal. Vol. V*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, pp. 113-119.

João Paulo Simões Valério